

## BILIONÁRIOS FILANTROPOS: Um estudo sobre a filantropia familiar

Vanessa Teixeira Pipinis

Instituição: Faculdade de Educação / Universidade de São Paulo

E-mail: [vanessapipinis@gmail.com](mailto:vanessapipinis@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7506-3546>

**Resumo:** Ainda que as instituições brasileiras tenham passado por significativas mudanças ao longo dos últimos séculos, as pesquisas que contemplam a variável família demonstram que os grupos dominantes permanecem em posições de poder, operando ou influenciando a política institucional. Este estudo lança luz a uma das formas contemporâneas de articulação de redes familiares que influenciam e atravessam os espaços de poder: a filantropia familiar, que tem ganhado espaço crescente no país tanto na formulação de políticas públicas como também na definição dos seus sentidos e discursos. Ao articular as categorias família, bilionários e filantropia, este trabalho joga luz a um objeto ainda pouco abordado nas ciências sociais. O recorte analítico privilegia a filantropia realizada pela família Abílio Diniz, partindo da análise de documentos e entrevistas públicos.

**Palavras-chave:** Família; Bilionários; Filantropia

## PHILANTHROPIC BILLIONAIRES: A Study on Family Philanthropy

**Abstract:** Although Brazilian institutions have undergone significant changes over the past centuries, research that considers the family as a variable shows that dominant groups remain in positions of power, either operating within or influencing institutional politics. This study sheds light on one of the contemporary forms of family network articulation that influences and permeates spaces of power: family philanthropy, which has been gaining increasing prominence in the country, both in the formulation of public policies and in shaping their meanings and discourses. By linking the categories of family, billionaires, and philanthropy, this work highlights a subject that has been relatively underexplored in social sciences. The analytical focus is on the philanthropy carried out by the Abílio Diniz family, based on an analysis of public documents and interviews.

**Keywords:** Family; Billionaires; Philanthropy

## BILLONARIOS FILÁNTROPOS: Un estudio sobre la filantropía familiar

**Resumen:** Aunque las instituciones brasileñas han pasado por cambios significativos a lo largo de los últimos siglos, las investigaciones que consideran la familia como una variable demuestran que los grupos dominantes siguen ocupando posiciones de poder, ya sea operando dentro de la política institucional o ejerciendo influencia sobre ella. Este estudio arroja luz sobre una de las formas contemporáneas de articulación de redes familiares que influyen y atraviesan los espacios de poder: la filantropía familiar, que ha ganado cada vez más protagonismo en el país, tanto en la formulación de políticas públicas como en la definición de sus significados y discursos. Al vincular las categorías de familia, billonarios y filantropía, este trabajo resalta un tema aún poco abordado en las ciencias sociales. El enfoque analítico privilegia la filantropía llevada a cabo por la familia Abílio Diniz, a partir del análisis de documentos y entrevistas públicas.

**Palabras clave:** Familia; Billonarios; Filantropía

### INTRODUÇÃO

“...a classe dominante brasileira é hoje, e sempre o foi, uma grande família. Ou uma coleção de grandes famílias. E quase podemos dizer, aqui o poder é uma questão genética”.

Francisco Antônio Doria. Os genes do poder. *IN: OLIVEIRA, R.C. Família importa e explica: instituições políticas e parentesco no Brasil.* São Paulo: LiberArts, 2018.

Os trabalhos que adotam a variável família como objeto de análise sinalizam que os grupos dominantes foram bem-sucedidos em um certo processo de adaptação, mantendo-se no poder ao longo das mudanças sociais, culturais e econômicas que ocorreram no Brasil nos últimos séculos. Ainda que as instituições brasileiras tenham passado por aprimoramentos certas famílias permanecem em posições de poder, operando e/ou influenciando diretamente a política institucional.

A importância da dimensão familiar para a construção de carreiras, estratégias políticas e para a preservação da riqueza no Brasil vem sendo destacada em diversos estudos (OLIVEIRA, 2018), ao ponto de que, concordando com Campos (2018), parece pouco possível estudar a política nacional em profundidade sem levar em consideração a família, o casamento e o parentesco. Estudos sobre as principais famílias empresariais brasileiras, como os Klabin, os Gerdau, os Moreira Salles, os Setúbal e os Sarney, entre outras, já apontam para a importância da estrutura familiar na forma do capitalismo brasileiro, além da centralidade do fundo público e da estrutura estatal para o “impulso do poder econômico e político” dessas



famílias (CAMPOS, 2018; CAMPOS; BRANDÃO, 2017). Neste sentido, compreender as desigualdades estruturais brasileiras também requer que compreendamos as genealogias familiares.

Embora as pesquisas que se dedicam a compreender como certas famílias atravessam o poder ao longo da nossa história tenham avançado nas ciências sociais, ainda há um vasto campo a ser percorrido: a burocracia, o Poder Judiciário, os sindicatos e as organizações da sociedade civil são alguns dos diversos campos férteis para a produção de novos estudos sobre famílias, parentesco e poder.

Este trabalho é parte de uma agenda de pesquisa individual e coletiva que busca mapear e compreender as articulações de grupos familiares que influenciam políticas públicas e atravessam o poder<sup>1</sup>. Busca-se articular as categorias família, bilionários e filantropia, desvelando as múltiplas, complexas e contraditórias relações que estabelecem entre si.

Ainda que a categoria família esteja, constantemente, em uma arena de disputa histórica e conceitual, para fins da presente análise, compreende-se família como

qualquer forma de reunião social em que exista um conjunto de relações pessoais, de relações sociais, de afeto, de afinidade e de relacionamentos, sejam eles quais forem dentro de um pacto social que se estabeleça nessa própria unidade familiar (OLIVEIRA, R.C. **Família importa e explica:** instituições políticas e parentesco no Brasil. São Paulo: LiberArts, 2018, p. 28).

O conceito ampliado proposto Oliveira nos permite compreender a família como uma efetiva comunidade social, uma unidade de decisão e de gestão (OLIVEIRA, 2018b, p. 26), alargando o campo de análise com foco em identificar relações, articulações e redes de influência, por exemplo. Em outras palavras, basta puxar as conexões para identificar grandes redes familiares atuando *nas e pelas* instituições.

A segunda categoria que se pretende articular neste artigo é a de bilionários. Cattani (2018a, 2018b e 2009), em vasta produção a respeito da riqueza, evidenciou a dificuldade em estabelecer medidas absolutas ideais e perfeitas para relações sociais, o que implica em uma

---

<sup>1</sup> O presente artigo é derivado da tese de doutorado “Bilionários na escola: um estudo sobre a filantropia familiar educacional” defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) em agosto de 2022, que se propõe a discutir as características da filantropia familiar educacional promovida pelas camadas superiores brasileiras.

certa dificuldade na definição de parâmetros, seja para o fenômeno da pobreza, seja da riqueza: costuma-se definir a pobreza por um cálculo aproximado da quantia de recursos necessárias para sobrevivência de uma pessoa. Já no polo da riqueza, esta definição é muito mais complexa.

Um exemplo dessa complexidade estaria justamente em atribuir sentido a números subjetivos: para Cattani (2018a), ao definir que os verdadeiros ricos seriam o 1% ou o 0,1% da população perde-se a dimensão do seu significado na estrutura social. Concordando com o argumento, é preciso avançar neste entendimento, compreendendo a riqueza como aquela que permite o exercício efetivo do poder nas suas três dimensões: econômica, política e social.

Neste sentido, quantificar e identificar quem são os ricos, bem como a origem de suas fortunas, é uma tarefa de difícil realização. Uma das razões é que os verdadeiramente ricos não têm interesse em estar em evidência. Os ricos levam uma vida discreta e os motivos podem ser diversos, como o desejo de não chamar atenção para o tamanho de seus patrimônios, o receio de sequestros ou roubos e até mesmo a intenção de não chamar a atenção dos órgãos de controle, como a Receita Federal, por exemplo. Outro ponto importante é o fato de que a riqueza é subestimada: “os estudos e pesquisas destinados a esse assunto estimam que o dinheiro, o patrimônio e toda e qualquer forma de riqueza conhecida representam metade do que realmente existe” (CATTANI, 2018a, p.37).

Diante do desafio em quantificar a riqueza, uma alternativa seria a definição, como critério, da detenção total ou controle do capital em volume superior aos demais capitalistas. Este recorte agregaria, no rol dos super-ricos, banqueiros, acionistas e rentistas de megacorporações, latifundiários, altos executivos, donos de corporações midiáticas e também os herdeiros destes grupos (CATTANI, 2018a). Todavia é muito importante delimitar que, ainda que localizados no mesmo grupo dos super-ricos, estes subgrupos “não correspondem a uma classe social coesa, compondo uma oligarquia, o que pressuporia total identidade, união e mobilização coletiva a partir de interesses homogêneos e articulados na esfera do Estado” (CATTANI, 2008, p. 26 a 28). Em outras palavras, não é possível afirmar que os super-ricos atuem coletivamente de forma articulada e orgânica, mas é possível inferir que se comportam mais como plutocratas, fazendo uso de privilégios exclusivos, preservando a todo custo seus interesses (CATTANI, 2008, p. 26 a 28).

Ciente das dificuldades em delimitar o fenômeno da riqueza, e buscando contribuir com as investigações sobre as camadas superiores, o presente trabalho adotou o ranking da Forbes



Brasil<sup>2</sup> como referência para identificação das famílias mais ricas do país. As listagens que reúnem os bilionários brasileiros são publicadas anualmente. Ainda que o ranking não espelhe totalmente o tamanho do patrimônio das pessoas mais ricas de cada país, uma vez que dados tributários e de renda são de difícil acesso, a Forbes segue sendo uma importante fonte de informação para a pesquisa sobre as camadas superiores.

Para delimitação do grupo familiar em análise foram considerados os rankings de 2016 e 2017, ano base para elaboração desta pesquisa. Ao analisar a relação das famílias mais ricas do país, observou-se que a grande maioria dos super-ricos listados realizavam ações filantrópicas, seja via seus próprios institutos e fundações, seja via mecenato ou ainda na composição de conselhos consultivos e/ou diretivos de organizações sociais. A partir desta constatação, a problemática central que se coloca é a importância de se pensar criticamente a presença e as ações dessas famílias que se posicionam como filantropas, partindo da hipótese que a filantropia não é, para esses segmentos, desinteressada, ainda que no discurso dos mesmos o seja. É neste contexto que articulamos a terceira categoria central para o presente artigo: a filantropia.

É importante contextualizar que a filantropia familiar, isto é, a filantropia empreendida por grupos familiares, realizada de forma institucionalizada e estruturada é fenômeno recente no Brasil. Ainda abordada de forma insipiente no campo da ciência social e frequentemente associada com a caridade e a ajuda ao próximo, a filantropia envolve uma ampla gama de práticas que englobam uma variedade de ações pontuais, ocasionais ou sistemáticas realizadas tanto na esfera individual (como é o caso das doações de pessoas físicas), como também no âmbito institucional (como é o caso das ações promovidas por organizações sem fins lucrativos).

Historicamente não é possível dissociar a filantropia em si da sua relação com o Estado, forjando com ele um elo duradouro, permanente e que vem sendo consagrado por múltiplos mecanismos reguladores ao longo das últimas décadas. No Brasil, a formalização da aliança entre o Estado e a filantropia ocorreu apenas no Estado Novo varguista, mas isso não quer dizer que essa relação imbricada não existia antes daquele período. Com forte viés religioso, as práticas filantrópicas nasceram imbricadas com as noções de caridade, apadrinhamento, favor,

---

<sup>2</sup> A Forbes se declara a revista de economia e política mais influente do mundo. De origem estadunidense as sucursais costumam seguir o modelo editorial original.



personalismo e verticalidade (realizada de cima para baixo), o que vai pavimentar as relações entre os diferentes grupos sociais atravessados pela filantropia.

Para compreender e qualificar a evolução do modelo filantrópico brasileiro, Mestriner (2008) desenvolve uma tipologia a partir dos modelos de regulação estatais. Ela parte da tipologia da *filantropia higiênica* (marcada por um modelo de enclausuramento de doentes, transgressores e loucos, típico do período que antecede os anos 30 do século passado), passa pela *filantropia disciplinadora* (com foco em enquadrar o pobre visando transformá-lo em um trabalhador produtivo e disciplinado, harmonizado com os interesses patronais) e chega ao modelo da *filantropia pedagógica profissionalizante*<sup>3</sup> (quando uma sociedade mais urbana e industrial se consolidou no país e, com ela, apareceram novas demandas de profissionalização dos trabalhadores empobrecidos).

Durante o período da ditadura militar ocorreu uma mudança significativa na relação entre filantropia e Estado: as ações filantrópicas passaram a ser deliberadas pelos próprios parlamentares, o que trouxe novamente para a cena a figura do apadrinhamento político. Mestriner qualifica esse formato como *filantropia de clientela* ou *filantropia do favor*<sup>4</sup>. Foi apenas no final de década de 1980, com a promulgação da Constituição Federal, que é possível perceber uma certa mudança de paradigma, imprimindo à área social brasileira uma nova dinâmica institucional. Entretanto, os ares de redemocratização e de promoção de direitos não foram suficientes para promover uma ruptura radical com os vícios e desafios que o modelo filantrópico trazia na sua centralidade. Todo o entusiasmo e a euforia social daquele período, tão presentes nas lutas e mobilizações das organizações sociais de base popular, dividiam espaço com a emergência de novos atores sociais:

(...) entre as lutas pela democracia empreendidas por movimentos sociais e grupos progressistas que almejavam a universalização de direitos de cidadania e bem-estar social, povoaram também nessa sociedade civil – cada vez mais complexa e ocidentalizada – uma multiplicidade de organizações da classe dominante (CASIMIRO, 2018, p. 121).

<sup>3</sup> Uma diferença importante desse tipo de filantropia é a partilha com o âmbito educacional, um formato que permanece atual até os dias de hoje: “É ainda o Estado de direito que mobiliza o empresariado, atribuindo-lhe a manutenção de macroorganismos para esse atendimento mais específico, que no campo educacional é feito por meio do Sesi, Senai, Sesc e Senac” (MESTRINER, 2008, p. 282).

<sup>4</sup> Um ponto interessante desse período diz respeito ao aparecimento de atores como a Funabem e a Febem, que “farão o elo entre assistência, filantropia e repressão” (MESTRINER, 2008, p. 293).

A proliferação simultânea de organizações com inspirações populares, democráticas e até mesmo anticapitalistas com organizações nascidas de um certo descontentamento empresarial levou a uma disputa em torno do próprio sentido de sociedade civil, fazendo com que uma visão crítica mais aprofundada sobre aquele período ficasse nublada. As disputas não se davam somente nos tipos de organizações formalmente constituídas – como as organizações criadas a partir de movimentos populares históricos e as organizações criadas a partir de movimentos empresariais –, mas também no próprio espaço da sociedade civil, em que as entidades empresariais também atuavam corporativamente e politicamente, ocupando brechas no meio das intensas contradições do período (FONTES, 2006a, p. 227)

Foi a partir dos anos 90 que uma ampla gama de reformas de Estado implementada no país (BRESSER PEREIRA, 1999, p. 7) impôs à arena política “uma multiplicidade de organizações que denotam a expansão do empresariamento nas mais diversas áreas de atuação pública” (CASIMIRO, 2018, p. 125).

Os trabalhos de Fontes (2006a, 2006b e 2020) e Casimiro (2018) apontam para um novo arranjo nos padrões de sociabilidade, que começaram a se desenhar durante a década de 1980 e se firmaram nos anos 1990, em meio às mudanças estruturais no Estado brasileiro. Esses novos arranjos provocariam significativas transformações na formulação das políticas públicas, uma vez que a interação entre Estado e atores sociais também havia mudado: entraram em cena as chamadas organizações não governamentais (ONGs) e as chamadas fundações e associações sem fins lucrativos (Fasfil’s).

Atualmente, os números consolidados no Mapa das Organizações da Sociedade Civil, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)<sup>5</sup>, indicam a existência de mais de 815 mil organizações mapeadas e atuantes em todo o território nacional, a maior parte delas concentrada na região sudeste. Trata-se de um setor com ampla e diversa atuação, com importante participação no mercado de trabalho e relevância em ações de interesse público (LOPEZ, 2018)<sup>6</sup>. Mas, por outro lado, também é importante indicar que estas organizações possuem perfis variados: há aquelas marcadas por perfil empresarial com foco em influenciar políticas

<sup>5</sup> Disponível em: <https://mapaosc.ipea.gov.br/mapa>. Acesso em: 20 maio 2022.

<sup>6</sup> Usando a ferramenta básica de busca do IPEA, temos que 30.220 dessas instituições mapeadas atuam na área da “educação e pesquisa”. Mas elas não são maioria: as organizações com finalidade de “*desenvolvimento e defesa de direitos e interesses*” e as organizações com finalidade religiosa são a maioria no país: seis em cada dez (IPEA, 2018).





públicas, as organizações comunitárias, as organizações de base, historicamente vinculadas a movimentos sociais. Trata-se, pois, de um campo heterogêneo, com agendas e estratégias de atuação por vezes contraditórias e em disputa.

A origem, a evolução e as recentes mudanças na filantropia brasileira são complexas e não é tarefa fácil sintetizar os avanços e os retrocessos em poucas linhas. Entretanto, este breve sobrevoo é relevante para contextualizar o cenário da filantropia familiar no Brasil, que vem ganhando espaço e recursos das famílias mais ricas especialmente a partir dos anos 2000.

A partir da articulação das categorias família, bilionários e filantropia busca-se mapear os sentidos que as práticas filantrópicas assumem para as famílias mais ricas do país, quando tais práticas se estruturam no seio familiar e, por fim, quem são os membros que lideram a agenda filantrópica em nome da família.

A presente análise se estrutura a partir do mapeamento das práticas filantrópicas promovidas pela família Diniz. Em 2017, Abílio Diniz (1936 – 2024) ocupava a 11ª posição entre os mais ricos do Brasil, com uma fortuna estimada em US\$ 3.3 bilhões. Os dados e documentos que subsidiaram essas reflexões foram coletados em entrevistas e perfis públicos de membros da família Diniz e do seu instituto familiar privado, Instituto Península. Trata-se, pois, de uma análise documental, estruturada a partir de documentos e entrevistas públicas, o que, somados à genealogia da família, nos permite identificar uma complexa rede de relações, compreendendo as ações filantrópicas da família Diniz para além da benemerência.

## OS BILIONÁRIOS ENGAJADOS

Concordando com Oliveira (2018, p. 34) “não existe nenhuma instituição no Brasil que não seja atravessada por famílias”. Assim, o estudo desses grupos não pode ignorar suas relações privilegiadas *nas* e *através* das instituições e aparelhos de poder do Estado (OLIVEIRA; GOULART; VANALI, MONTEIRO, 2017). Para melhor compreendermos como, na contemporaneidade, tais grupos se articulam e influenciam políticas públicas, é fundamental agregar aos estudos sobre as famílias novos e emergentes fenômenos sociais. Para compreendermos como o poder dessas famílias se renova através dos anos é essencial ampliarmos nossas lentes analíticas.





Liderado pelas famílias mais ricas do país, um fenômeno recente chama a atenção: a criação de institutos e fundações privadas familiares, o que ganhou impulso a partir dos anos 2000. 84% das fundações e institutos familiares foram criados a partir daquele período. Quase metade (46%) delas surgiu após 2010. O segmento chega a movimentar R\$ 525 milhões por ano (GIFE, 2015) e está em expansão, sendo um dos que mais cresce no Brasil. Com o aumento da desigualdade social e o surgimento de novos bilionários no país, há ainda mais espaço para a filantropia familiar se desenvolver, já que os valores movimentados pelo segmento são considerados baixos.

Este modelo filantrópico possui ainda uma certa lógica própria de funcionamento, inspirada em elementos subjetivos e pela ideia de homenagem ou “legado familiar”:

De modo geral, os institutos e fundações familiares originam-se do desejo dessas famílias de contribuir com a sociedade e gerar impactos sociais positivos investindo em áreas ou temáticas relevantes. As motivações que contribuem com o início desse movimento são distintas, envolvendo sentimentos de gratidão e vontade de retribuir o que a sociedade lhes conferiu, preocupações com as desigualdades sociais do país, trajetórias familiares marcadas por traumas ou episódios difíceis ou, ainda, influência religiosa. Olhando para a diversidade de histórias e mitos fundadores de modo mais abrangente, chama a atenção a força dos valores como impulso central da filantropia familiar. O caráter pessoal e subjetivo desse tipo de investimento social é uma das suas especificidades (BRETTAS, 2017, p. 12).

Trata-se, dessa forma, de um fenômeno emergente, que ganha concretude nas fundações e institutos que levam os nomes das famílias mais ricas do país e que atuam fortemente em diversas áreas, embora o campo da educação desperte mais interesse por parte desses grupos.

O artigo “Porque a filantropia é importante para as famílias empreendedoras” publicado na revista Exame em 2018 (VOGEL; KURAK, 2018), lança luz para algumas centralidades da filantropia familiar:

para empresas familiares, fazer negócios significa muito mais do que apenas administrar um negócio. Embora a eficiência e os lucros de curto prazo sejam importantes, as famílias empreendedoras também se preocupam com a continuidade geracional, o empreendedorismo transgeracional, a preservação da riqueza socioemocional da família e o capital social da família. Uma forma de as famílias alavancarem seu capital humano, social e financeiro – e garantir que suas metas não monetárias sejam atingidas – é filantropia (VOGEL; KURAK, 2018).

A filantropia, então, não seria uma prática desinteressada. Os autores ainda indicam que a maioria das famílias empreendedoras estabelecidas exerce alguma forma de filantropia e que este tipo de ação traria benefícios em três esferas: para a própria família, para o negócio e para a sociedade. No âmbito familiar, a dimensão pedagógica da filantropia é apontada: “elas [as famílias] usam essas atividades filantrópicas para educar os membros da família sobre o legado



familiar e incorporar os valores da família na próxima geração”. A filantropia poderia, neste sentido, educar os membros da família (em particular as novas gerações) em alfabetização financeira, “já que precisam avaliar cuidadosamente os projetos que desejam apoiar e então fazer o orçamento financeiro, planejamento e monitoramento” e, além do viés pedagógico, a filantropia também seria um tipo de aglutinador capaz de manter a família unida através de diversas gerações. A filantropia também seria relevante para a reputação do negócio familiar, além de ter um efeito positivo no engajamento dos funcionários e no reforço da ideia de que para superar problemas sociais estruturantes haveria a necessidade de “união de forças” entre “governos, ONGs, empresas, filantropos, investidores de impacto e empreendedores”.

A questão geracional também é central nos estudos sobre a filantropia familiar que, embora embrionários, apontam um fenômeno comum: o envolvimento das novas gerações ou herdeiros em ações filantrópicas. Quando a filantropia já está implementada na família, são as novas gerações que comumente fomentam impacto e escala; quando não, são justamente os mais jovens que iniciam as ações, que muitas vezes se confundem com negócios de impacto social<sup>7</sup>.

Há ainda uma outra camada analítica deste fenômeno que deve ser explicitada e que interessa a este trabalho. O segmento filantrópico familiar nasceu e se constituiu de forma imbricada com o acúmulo da riqueza. O surgimento de novos bilionários e o aumento das múltiplas desigualdades são elementos compreendidos como oportunidades para ampliação da filantropia, que se estabeleceu como um segmento que movimenta altas somas de recursos, gera empregos, oferta ações e projetos com fins públicos e incide em políticas públicas. Ao mesmo tempo em que se reconhece a importância do setor e a qualidade de ações desenvolvidas por iniciativas com forte perfil democrático, não é possível negar o caráter contraditório de uma ideia que defende que a superação das desigualdades provocadas pela lógica capitalista de acumulação passaria pela intervenção daqueles que mais acumulam, travestidos de filantropos.

É nesse sentido que, concordando com Storti e Dagnes (2021), a filantropia pode ser uma forma de conferir legitimidade aos grupos mais ricos do país. As famílias beneméritas, que distribuem os recursos acumulados, seriam, de alguma forma, socialmente aceitas. Além disso,

---

<sup>7</sup> Em linhas gerais, o impacto social pode ser entendido como ações vocacionadas para solução de problemas sociais, geralmente alinhadas ao escopo de empresas ou negócios. Tais ações, além de, teoricamente, contribuir para um problema social complexo, também melhoraria a reputação empresarial e atrairia novos investidores. Para tanto, um conjunto de medidas de natureza empresarial são adotadas na implementação e desenvolvimento das ações sociais. É neste contexto que a filantropia de impacto ou filantropia estratégica nascem.

“a filantropia elabora, pragmaticamente, uma referência ao interesse coletivo, de natureza essencialmente moral, que é de reduzir a miséria e o perigo social que ela representa” (BEGHIN, 2005, p. 45). Ela promove, portanto, a síntese entre o interesse pessoal do filantropo e o interesse coletivo. O eixo norteador da filantropia seria, portanto, o de buscar “moralizar” os pobres, num contexto em que a maioria deles permanece privada do acesso aos direitos básicos, jogada na informalidade do trabalho e em situação de insegurança alimentar. Tais práticas filantrópicas seriam, dessa feita, uma forma de “socializar a miséria, isto é, fazer com que [se] aceite o papel que lhe foi atribuído na ordem social e com que renuncie a resistir a esta ordem” (BEGHIN, 2005, p. 45).

## **BILIONÁRIOS FILANTROPOS: o caso dos Diniz**

“A família Diniz, fundadores e [ex]proprietários do grupo Pão de Açúcar, um dos maiores grupos empresariais brasileiros, se destaca pela presença de seus membros não apenas no meio econômico, mas também em eventos esportivos e colunas sociais” (MARCONDES, 2001). A história do braço brasileiro da família Diniz começou em 1929, quando Valentim dos Santos Diniz, nascido em 1913 na aldeia de Pomares do Jarmelo, subdistrito da Guarda, em Portugal, desembarcou no porto de Santos. O então adolescente viajou para o Brasil deixando para trás o pai, Abílio Diniz, e a madrasta Josefa:

Ou o senhor me deixa ir para o Brasil ou vou ser caixeiro na cidade do Porto”, dissera ao pai, pequeno proprietário de terras que tinha adquirido um estabelecimento comercial ao contrair segundas núpcias. A madrasta, viúva sem filhos, não acrescentaria meios-irmãos a Valentim, mas a loja, média para o porte da aldeia, abria seus horizontes (...) O pai ouviu e calou. Não proibiu nem incentivou. Afinal, não podia oferecer ao primogênito mais do que a situação remediada na aldeia e a honra de pertencer a um clã tradicional, com padres e bispos em sua linhagem. (DINIZ, 1998. p. 24 e 25)

Chegando ao Brasil, Valentim desempenhou diversas funções, tendo “recebido a indicação de um conhecido para trabalhar em um empório” (DINIZ, 1998, p. 24). Em 1936 casou-se com Floripes Pires, a primeira filha brasileira da família de José Pires, vinda de Bornes, no Alto Douro. Sobre este encontro, a biografia “Valentim dos Santos Diniz - *Meu pão com açúcar*” revela:



Ela era solteira; Valentim, nascido em 1913, um rapagão em idade de casar. Não demorou, estava ouvindo da própria moça as peripécias de João Pires, o pai. Dono de uma quinta em Portugal e com sonho de tornar-se grande proprietário, vivia entre cá e lá com a família, juntando dinheiro no Brasil e comprando mais terras em Bornes. Até os filhos mais velhos se cansarem do nomadismo e decidirem se fixar em São Paulo. (...) O que mais impressionou em Floripes foi a maturidade. Aos 20 anos, ela entendia seus anseios, sabia opinar equilibradamente, mostrou que tinha ambições e disposição para realizá-las (DINIZ, 1998. p. 30 e 34)

Com Floripes, Valentim teve seis filhos: Abílio Diniz, Alcides Diniz, Arnaldo Diniz, Vera Lúcia Diniz, Sônia Maria Diniz e Lucília Diniz. Sobre o patriarca da família a Forbes Internacional publica um curto perfil, em que mais de fala sobre o Pão de Açúcar do que sobre as suas origens e suas relações familiares e sociais:

O pai do magnata do varejo Abilio dos Santos Diniz, imigrante português, fundou o Grupo Pão de Açúcar em 1948 no Brasil. Sob a gestão de Diniz, o Pão de Açúcar tornou-se o maior varejista do Brasil. Em 2012, ele vendeu uma participação para o operador francês de supermercados Groupe Casino. Em um ano, o relacionamento com os parceiros franceses azedou; Diniz cedeu o controle do Grupo Pão de Açúcar para o Casino em setembro de 2013. Em 2016, tornou-se um importante acionista do Carrefour S/A, concorrente do Casino. Ele também preside a processadora de carnes Brasil Foods<sup>8</sup>.

Na década de 90, após um conflito familiar em torno da sucessão na empresa, Abílio Diniz ficou com o controle majoritário do grupo: os pais Valentim e Floripes ficaram com o controle minoritário, Lucília Diniz preservou, naquela época, 12 % das ações e os demais irmãos venderam sua parte no negócio<sup>9</sup>. O episódio foi lido como um abalo significativo nos laços familiares entre os diversos integrantes do clã Diniz. Abílio Diniz saiu vitorioso da disputa com os irmãos, garantindo o controle de maior parte do grupo<sup>10</sup>. Por isso mesmo, o ramo da família de Abílio Diniz<sup>11</sup> é de interesse central para o presente trabalho.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.forbes.com/profile/abilio-dos-santos-diniz/?sh=18ae10216243>. Acesso em: 1º mar 2022.

<sup>9</sup> Para detalhes sobre os negócios da família Diniz conferir CORREA, 2015.

<sup>10</sup> Fonte: <https://exame.com/negocios/abilio-diniz-afirma-que-sofreu-muito-quando-pao-de-acucar-era-empresa-familiar/>

<sup>11</sup> Abílio Diniz, falecido em 2024, era ouvido com frequência pela mídia comercial e também integrou o “Conselhão”, retomado no Governo Lula: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2016/01/27/internas\\_economia,515544/lista-dos-integrantes-do-conselhao-inclui-abilio-diniz-e-integrantes-d.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2016/01/27/internas_economia,515544/lista-dos-integrantes-do-conselhao-inclui-abilio-diniz-e-integrantes-d.shtml) Além do governo Lula também aconselhou os governos Dilma e FHC. Também elogiou abertamente o ex-ministro da economia Paulo Guedes, do governo Bolsonaro: <https://www.band.uol.com.br/noticias/abilio-diniz-foi-conselheiro-economico-de-fhc-lula-e-dilma-16668330>

## A família Diniz

**1ª geração:** Valentim dos Santos Diniz e Floripes Pires

**2ª geração:** **Abílio Diniz (1936 – 2024)**, Alcides Diniz, Arnaldo Diniz, Vera Lúcia Diniz, Sônia Maria Diniz e Lucília Diniz.

### **3ª geração - ramo Abílio Diniz (1936 – 2024):**

1º casamento. Maria Auriluce Falleiros dos Santos Diniz.

Filhos: Ana Maria Diniz, João Paulo Diniz (1963 – 2022) ; Adriana Diniz e Pedro Paulo Diniz.

2º casamento. Geyse Marchesi Diniz

Filhos: Rafaela Diniz e Miguel Diniz.

A filantropia institucionalizada está presente na família Diniz há pouco mais de uma década, com a fundação do Instituto Península (IP), “braço social” da Península, uma empresa de investimento privado que gere os ativos de propriedade da família Diniz.

A recente fundação do IP em 2011 não quer dizer que as práticas filantrópicas não sejam parte constante do cotidiano de alguns membros da família, o que costuma ser amplamente noticiado em colunas sociais. Tanto o arquiteto Felipe como o empresário Alcides, conhecido como Dinho, ambos filhos de Alcides Diniz (irmão de Abílio Diniz), por exemplo, já receberam longos perfis na mídia sobre suas ações filantrópicas, que englobam desde a causa animal até a representação brasileira da ONG estadunidense American Foundation for Aids Research, a **amfAR**, com foco em pesquisa e campanhas de prevenção da Aids.

O Instituto Península, entretanto, organiza a ação filantrópica familiar em outro patamar, contando com equipe profissionalizada e projetos bem definidos. A prática filantrópica passa a ser estruturada, focada em objetivos e com parcerias consideradas estratégicas.

Em se tratando de um instituto familiar, parte dos membros da família é, obviamente, atuante no IP. Integram o Conselho do Instituto Península a segunda esposa de Abílio Diniz, Geyze Marchesi Diniz, os filhos Ana Maria Diniz (também diretora do IP) e Pedro Paulo Diniz.



Para além deles, também integram o conselho do Instituto: Flavia Almeida<sup>12</sup>, mulher de confiança da família e atualmente CEO da Península, empresa de investimentos da família Abilio Diniz, Juliana Grossi, sócia, COO e Membro do Comitê Executivo da Península, e também Eduardo Rossi, ex vice-presidente do conselho administrativo da Península, que assumiu a presidência após o falecimento de Abílio Diniz, em 2024.

É, entretanto, Ana Maria Diniz – *terceira geração da família* - que lidera e vocaliza as ações do IP. Em um perfil sobre a família Diniz publicado pelo jornal Folha de S. Paulo, em 2001, já se lia:

Ana Maria, administradora de empresas formada pela FGV, trabalhou como repórter na revista "Exame". Depois montou, com outros três sócios, uma empresa de comunicação. Em 1991, entrou no grupo Pão de Açúcar como assessora de comunicação.

Em 1993, tornou-se diretora de marketing, e posteriormente vice-presidente de operações, onde coordena novos negócios do grupo, como o site Amélia, e desenvolve projetos sociais. Discreta e sem participações esportivas, está sendo preparada para ser a principal executiva do Grupo após a saída de Abílio Diniz. (MARCONDES, 2001)

Pois ela não somente desenvolveu projetos sociais, como também foi além. Casada com Luiz Felipe Chaves D'Avila, candidato à Presidência da República nas eleições de 2022 pelo Partido Novo, a empresária-filantropa concede entrevistas com regularidade e é figura comum em eventos educacionais empresariais. Ana Maria Diniz também é uma das fundadoras do Todos pela Educação, organização de perfil empresarial atuante em políticas públicas educacionais e, na liderança do IP<sup>13</sup>, é responsável pela implementação de diversos projetos de formação de professores e de produção de conteúdos pedagógicos e didáticos.

Também integra o Conselho Consultivo do Parceiros da Educação<sup>14</sup>, uma organização que, no estado de São Paulo, é responsável por desenhar parcerias entre a sociedade civil, escolas e secretarias de educação. Vale indicar que em 2018, ela foi responsável pela proposta

<sup>12</sup> Sobre ela, há um rico perfil na Revista Exame publicado em 19 de dezembro de 2019, cujo título é “Quem é a mulher que investe a fortuna do bilionário Abilio Diniz”. A reportagem apresenta a trajetória acadêmica e profissional de Almeida até sua chegada na Península, onde chegou a administrar, segundo a reportagem, US\$ 3,7 bilhões da família Diniz.

<sup>13</sup> Ana Maria Diniz exerceu a presidência do Instituto Península até o final de 2023.

<sup>14</sup> Fonte: [https://parceirosdaeducacao.org.br/quem-somos/?doing\\_wp\\_cron=1687324654.5379021167755126953125](https://parceirosdaeducacao.org.br/quem-somos/?doing_wp_cron=1687324654.5379021167755126953125) Acesso em 11/03/2025.



de educação do então tucano Geraldo Alckimin nas disputas presidenciais. Seu marido, Felipe D'Avila, foi coordenador do programa.

Naquele momento, Diniz revelou, em entrevista ao jornal O Estado de S.Paulo: “A família está bem contaminada com a ideia de poder ajudar, fazer a diferença, até porque a gente vê um risco muito grande de um desses candidatos que estão mais fortes ganharem, como Bolsonaro e Ciro Gomes. Seria um enorme retrocesso no país e a gente não quer deixar isso acontecer” (CAFARDO, 09/08/2018).

Por sua vez, D'Avila, o marido de Ana Maria Diniz, é neto do ex-deputado federal João Pacheco Chaves (MDB-SP), já falecido, “que presidiu o extinto Instituto Brasileiro do Café e que foi secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, de 1951 a 1953” (DIAS, 2022). Candidato derrotado nas eleições presidenciais de 2022, D'Avila é irmão do deputado estadual por São Paulo Frederico D'Avila (PSL). Em sua biografia na página de internet da Assembleia Legislativa de São Paulo, Frederico Braun d'Avila (PSL), se define da seguinte maneira:

É produtor rural e Vice-Presidente da APROSOJA-SP e APROSOJA Brasil. Foi Assessor Especial do Governador do Estado de São Paulo de 2011 a 2013. Foi Diretor e Conselheiro da Sociedade Rural Brasileira de 2017 a 2020. Foi a principal liderança do agronegócio paulista a apoiar o candidato Jair Bolsonaro à presidência da República e integrar a equipe de transição de governo para a agricultura<sup>15</sup>.

Felipe D'Avila também é escritor, criador do Centro de Liderança Pública, uma organização sem fins lucrativos dedicada à formação de líderes políticos, e fundador do portal VirtuNews (DIAS, 2022).

Esta rede de relacionamentos que a família Diniz estabelece desde sua primeira geração, estabelecendo parcerias que acomodam membros de famílias com diferentes capitais culturais e sociais, é fundamental para garantir ao clã uma importante atividade em diversos campos político. Os números apresentados pelo Instituto Península, em evidência neste artigo, indicam uma atuação relevante no campo educacional, por exemplo.

O relatório de atividades do IP de 2023, por exemplo, indica maior aproximação com os poderes executivo tanto na esfera federal como nas esferas estaduais. O relatório destaca que o IP, uma organização familiar privada, realizou a “avaliação técnica de projeto de lei sobre

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/deputado/?autor=1000000420> com acesso em 19/06/2023.





nova Política Nacional de Incentivo à Docência. As sugestões foram incorporadas na íntegra e o PL aprovado por unanimidade no Senado”<sup>16</sup>. Entre as atividades realizadas, também ganham destaque a implementação de programas em Goiás, Mato Grosso, Paraná, São Paulo e Piauí. Em São Paulo, por exemplo, o desenho da política de progressão por desenvolvimento dos docentes da rede pública contou com a participação do IP.

Para além das ações de advocacy, o instituto também apresenta dados relevantes quando o assunto é formação continuada de professores. O programa Vivescer, que “atua na promoção do desenvolvimento integral e do bem-estar de professores” alcançou 68.872 usuários em 3.687 municípios. Outro programa formativo com foco em reduzir conflitos escolares já alcançou mais de 5 mil professores desde 2023. O Impulsiona, por sua vez, programa que atua promovendo o esporte educacional, atingiu mais de 32 mil escolas, em 27 estados brasileiros.

Tendo em vista a natureza das fundações e institutos filantrópicos familiares, como já explorado neste trabalho, não é possível dissociar completamente a ação institucional de valores e ideários familiares. Em outras palavras, o tipo de ação filantrópica familiar nos apresenta caminhos para compreender melhor a visão de mundo das classes dominantes, transmitida geração a geração na sucessão das fundações e institutos com a missão de preservar a ideia de legado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coragem de meu avô ao sair de Portugal sozinho, com 16 anos, e tomar um navio ruim ao desconhecido, rumo ao sonho, sempre foi uma coisa que me intrigou muito. Por outro lado, sempre vi coragem correndo nas veias desta família Diniz à qual pertenço. Coragem expressa das mais diversas formas: numa decisão de comprar uma empresa enorme, desafiar as barreiras da velocidade de carro, a cavalo ou apenas com tênis nos pés. Coragem de enfrentar grandes lutas, defender ideias, romper com o passado, começar tudo de novo...”. Ana Maria Diniz (IN: DINIZ, Valentim dos Santos. *Meu pão com açúcar*, São Paulo, 1998. (Edição da empresa).

Há duas ideias centrais no texto de apresentação Ana Maria Diniz para a biografia de seu avô, Valentim dos Santos Diniz, livro encomendado e publicado pela empresa familiar em 1998: “coragem” e “começar tudo de novo”. A primeira delas é utilizada diversas vezes ao

---

<sup>16</sup> Relatório de atividades 2023. Disponível em <https://www.institutopeninsula.org.br/sobre/> Acesso em 10/03/2025.

longo da biografia em questão e é reiterada ao longo das descrições da linhagem Diniz. Há respeito e devoção na narrativa sobre os fundadores do negócio familiar, além do reforço de noções de sabedoria, garra, senso de justiça e visão de futuro<sup>17</sup> como elementos centrais para a concretização de sucesso e de prosperidade.

A investigação dos laços de relacionamento, amizade e de casamento desses indivíduos, entretanto, desvela novas camadas interpretativas, indicando que o peso de redes de influência e poder podem garantir, mais do que as qualidades individuais, uma trajetória bem-sucedida. E neste sentido, não há “começar tudo de novo”. As articulações e inserções políticas e sociais dos membros da família garantem ao seu grupo social um certo *continuum* que, ao longo das suas gerações, se materializa de diferentes formas.

Nesse sentido, a filantropia pode ser compreendida como um espaço estratégico: além de proteger patrimônio familiar, filantropos são ouvidos pela mídia comercial como porta-vozes de temas caros à sociedade brasileira, o que lhes garante legitimidade, autoridade (STORTI, L.; DAGNES, J., 2022) e inserção em espaços de tomada de decisão. Trata-se, com efeito, de uma relação complexa: ainda que sejam necessários mais estudos sobre as dinâmicas familiares e a filantropia, as análises realizadas nos apontam para um campo novo e emergente, em que novas articulações *intra* e *extra* familiares se firmam. É, portanto, um campo estratégico para compreendermos as dinâmicas de poder das famílias bilionárias brasileiras.

## REFERÊNCIAS

BEGHIN, N. **A filantropia empresarial: nem caridade, nem direito**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRETTAS, G. (Org.). **Censo GIFE 2020**. São Paulo: GIFE, 2021.

CASIMIRO, F. H. C. **A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

---

<sup>17</sup> Ao coletar depoimentos de herdeiras para a produção de “As Herdeiras: Lutas e conquistas de Ana Maria Diniz, Elizabeth Beaman, Fátine Chamin, Genny Serber e Regina Yasbek”, esta narrativa aparece de forma recorrente. Ao narrarem suas histórias familiares a partir dos seus fundadores, as entrevistadas narram também a presença de um ídolo e um herói. Para mais informações, consultar BERNHOEFT, R. *As Herdeiras: Lutas e conquistas de Ana Maria Diniz, Elizabeth Beaman, Fátine Chamin, Genny Serber e Regina Yasbek* São Paulo: Nobel, 1993.



CAFARDO, R. “Bolsonaro e Ciro seriam retrocesso”, diz Ana Maria Diniz. O Estado de S.Paulo. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicao-mais-educacao/bolsonaro-e-ciro-seriam-retrocesso-diz-ana-maria-diniz/>

CAMPOS, P.H.P. Estudos sobre família, poder e riqueza no Brasil: uma agenda de pesquisa necessária e urgente. IN: OLIVEIRA, R.C. **Família importa e explica**: instituições políticas e parentesco no Brasil. São Paulo: LiberArts, 2018.

CAMPOS, P.H.P.; BRANDÃO, R.V. M. Os donos do capital: a trajetória das principais famílias empresariais do capitalismo brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017. 1ª ed.

CORREA, C. Abílio. Determinado, ambicioso, polêmico. A trajetória de Abílio Diniz, o empresário brasileiro mais importante do varejo global. Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2015.

CATTANI, A.D. Riqueza e desigualdades. **Dossiê • Cad. CRH** 22 (57) • 2009 • <https://doi.org/10.1590/S0103-49792009000300009>

CATTANI, A. D. Ricos, podres de ricos. Tomo editorial, 2ª ed, 2018a

CATTANI, A. D. Classes abastadas: a família como estratégia de preservação da riqueza. IN: OLIVEIRA, Ricardo Costa. **Família importa e explica**: instituições políticas e parentesco no Brasil. São Paulo: LiberArts, 2018b.

DIAS, F. Genro de Abílio Diniz e patrimônio de R\$ 24 milhões: quem é Felipe D'Avila? Uol Notícias. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/qual-a-profissao-de-felipe-davila-como-ficou-rico-quanto-dinheiro-tem.htm>

DINIZ, Valentim dos Santos. **Meu pão com açúcar**. São Paulo, 1998. (Edição da empresa).

FONTES, V. Sociedade civil, classes sociais e conversão mercantil-filantrópica. **OSAL – Observatório Social da América Latina**, CLACSO, Argentina, ano VI, n. 19, p. 341-350, 2006b.

FONTES, Virgínia. A sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e lutas teóricas na década de 1980. In: Lima, J. C. F. (Org.). **Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006a.

LOPEZ, F. G (Org.). **Perfil das organizações da sociedade civil no Brasil**. Brasília: Ipea, 2018.

MARCONDES, S. Saiba mais sobre a família Diniz, uma das mais tradicionais de SP. Folha de S.Paulo. 28/07/2001.

MESTRINER, M. L. **O Estado entre a filantropia e assistência social**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MILNER, A.; HARTNELL, C. **Filantropia no Brasil**. Alliance Magazine; Philanthropy for Social Justice and Peace; Rede de Filantropia para a Justiça Social; Worldwide Initiatives for



Grantmaker Support (WINGS). 2018. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/filantropia-no-brasil>. Acesso em: 05 jun 2022.

OLIVEIRA, R. C.; GOULART, M. H. H. S.; VANALI, A. C.; MONTEIRO, J. M. Família, parentesco, instituições e poder no Brasil: retomada e atualização de uma agenda de pesquisa. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 5, n. 11, p. 165-198, set.-dez. 2017.

OLIVEIRA, R.C. **Família importa e explica**: instituições políticas e parentesco no Brasil. São Paulo: LiberArts, 2018.

OLIVEIRA, R.C. Como definir família? IN: OLIVEIRA, R.C. **Família importa e explica**: instituições políticas e parentesco no Brasil. São Paulo: LiberArts, 2018b.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES. 2023. Disponível em <https://www.institutopeninsula.org.br/sobre/>

STORTI, L.; DAGNES, J. The super-rich: origin, reproduction, and social acceptance. **Sociologica**, v. 15, n. 2, p. 5-23, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.6092/issn.1971-8853/13546>. Acesso em: 1º jun 2022.

Valentim dos Santos Diniz. Pioneiros e Empreendedores: <https://pioneiros.fea.usp.br/valentim-dos-santos-diniz/>

*Recebido: 03 de fevereiro de 2025*

*Aceito: 14 de abril de 2025*

*Publicado: 09 de agosto de 2025*

